

AUTORAS CLÁSSICA E CONTEMPORÂNEAS NA TEORIA SOCIOLÓGICA

RÍVIA DE JESUS SANTOS
PUC/RJ

Resumo

Este artigo foi produzido na avaliação final da disciplina Teoria Sociológica do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Pontifícia Católica – PUC/RJ. O objetivo do artigo é trazer uma breve reflexão sobre as contribuições da autora clássica Harriet Martineau e das autoras contemporâneas Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge para o campo da teoria sociológica. Inicialmente abordamos sobre a produção intelectual da autora Harriet Martineau, com suas contribuições para pensar a ciência da sociedade, na qual a autora aborda alguns temas que encontraremos nos autores clássicos da sociologia mais tarde, posteriormente dialogamos sobre a produção intelectual de Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge, através da categoria analítica da interseccionalidade pensando a investigação e prática crítica. Por fim, trazemos as considerações finais reforçando a importância da produção das autoras para o desenvolvimento da teoria sociológica e de políticas educacionais comprometidas com a justiça social.

Palavras-chave: Harriet Martineau. Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge. Teoria Sociológica.

Abstract

This article was produced in the final evaluation of the Sociological Theory discipline of the Postgraduate Program in Social Sciences at the Pontifical Catholic University – PUC/RJ. The objective of the article is to provide a brief reflection on the contributions of the classic author Harriet Martineau and the contemporary authors Patrícia Hill Collins and Sirma Bilge to the field of sociological theory. Initially we discuss the intellectual production of the author Harriet Martineau, with her contributions to thinking about the science of society, in which the author addresses some themes that we will find in classic sociology authors later, later we discuss the intellectual production of Patrícia Hill Collins and Sirma Bilge, through the analytical category of intersectionality thinking about research and critical praxis. Finally, we bring final considerations, reinforcing the importance of the authors' production for the development of sociological theory and educational policies committed to social justice.

5062

Keywords: Harriet Martineau. Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge. Sociological Theory.

Introdução

*Como seria uma sociologia clássica produzida
por mulheres e sobre mulheres?
(Verônica Toste Daflon e Bila Sorj, 2021)*

O presente texto foi desenvolvido na avaliação final da disciplina Teoria Sociológica do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Pontifícia Católica – PUC - Rio de Janeiro, ministrada pelo professor doutor Marcelo Burgos. Ao longo do semestre 2021.2 dialogamos com vários autores/as clássicos/as e contemporâneos/as da corrente teórica da sociologia, o que nos trouxe embasamento para refletirmos sobre diversas questões que são

alicerces do pensamento sociológico, tais como: sociedade, indivíduo, Estado, poder, capitalismo, funcionalismo, estudos culturais, pós-colonialismo, gênero, raça, ideologia, economia, dentre outras temáticas. A divisão da disciplina em seções temáticas proporcionou trilharmos um percurso amplo no campo teórico da sociologia e aprofundarmos temas extremamente importantes.

A proposta desse breve ensaio é trazer três autoras para pensarmos o campo da sociologia, tendo em vista que frequentemente estudamos autores homens (clássicos e contemporâneos) consolidados no campo das ciências sociais e não estudamos comumente as autoras mulheres que contribuíram para essa área do conhecimento. Levando em consideração a inviabilidade das mulheres no campo das ciências de forma geral e mais especificamente das ciências sociais, trago as intelectuais Harriet Martineau, Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge para refletirmos sobre a contribuição dessas autoras para a teoria sociológica. Essas autoras compuseram a ementa da disciplina o que proporcionou o estudo e a discussão que apresento neste texto.

Inicialmente abordo sobre as contribuições da autora Harriet Martineau¹, importante intelectual que construiu uma ciência da sociedade levando em consideração tanto a dimensão privada e a dimensão pública do social, trabalhou com diversos temas, como gênero, classe, cor, origem, infância, dentre outros. Posteriormente discorro sobre as contribuições das autoras Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (livro: *Interseccionalidade*), sobre como as autoras desenvolvem a categoria Interseccionalidade ao trabalharem com a teoria e prática desafiando as reações de poder e como essa categoria contribui para pensarmos o campo da teoria sociológica. Finalmente desenvolvo as considerações finais do trabalho.

Harriet Martineau (Inglaterra, 1802-1876)

*Disseram-me com frequência, que o fato de eu ser mulher era uma desvantagem [...]. Não concordo com isso [...]. Tenho certeza que vi muito mais da vida doméstica do que seria revelado a qualquer senhor viajando pelo país.
(Harriet Martineau)*

Nascida em 1802 na cidade de Norwich, Inglaterra, oriunda de família religiosa progressista desenvolveu gosto pela leitura e escrita, na sua fase adulta escreveu artigos para

¹ Utilizo o livro: *Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX*, organizado e comentado pelas autoras Verônica Toste Daflon e Bila Sorj, publicado em 2021. Nesse livro as autoras trazem oito autoras clássicas do pensamento social de diferentes nacionalidades.

um jornal o que trouxe para ela um grande prestígio editorial e trabalho intelectual de destaque (Daflon; Sorj, 2021).

As autoras Daflon e Sorj (2021), destacam que há mais de cinco décadas antes do surgimento das primeiras revistas científicas e cursos universitários, Martineau havia elaborado um método científico para o estudo do mundo social, através do desenvolvimento do seu trabalho, elaborou uma percepção sobre as questões de gênero que não encontraremos nos autores clássicos. Harriet Martineau denominou seu estudo de “ciência da sociedade”, no qual trouxe diversos temas para o centro de suas pesquisas, como: o casamento, educação das crianças, relações entre os sexos, economia política da casa, trabalho doméstico, status social e político das mulheres, mercado, indústria, classes sociais, cor, raça, dentre outros (Daflon; Sorj, 2021).

Os estudos de Martineau foram extremamente relevantes e originais, pois a autora estava abordando temas totalmente inovadores para a época e trazendo alguns temas que encontraremos nos autores clássicos da sociologia mais tarde. Sua intelectualidade promove uma reflexão para o campo da teoria sociológica e nos faz refletir sobre como conhecemos uma intelectual tão tardiamente e por que não estudamos sua obra lado de autores clássicos como Marx, Weber e Durkheim? A invisibilidade da história e da obra de Martineau, assim como das outras autoras que aparecem no livro: *Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX*, se dá pelo fato do apagamento da produção intelectual de mulheres no campo da produção do conhecimento e pela construção das ciências baseada no machismo, sexismo, racismo e ocultamento das histórias das mulheres e de grupos subalternizados das periferias do mundo. A questão não é que as mulheres não tenham produzido conhecimento, a questão é que suas histórias são invisibilizadas e enfatizadas somente as produções de homens e sobretudo de homens brancos.

De acordo com Daflon e Sorj (2021), as pesquisas de Martineau abordavam temas variados como a sociedade e a política norte-americanas, as religiões no Oriente Médio, a educação das mulheres, a deficiência física, o sentido social da doença, metodologia científica para o desenvolvimento do estudo da sociedade, além disso, foi uma intelectual que lutou pela abolição da escravidão e pelos direitos das mulheres. Dentre suas obras, destacam-se: *Como observar a moral e os costumes* (desenvolve a metodologia, compartilhando dicas de pesquisa); *Serviço doméstico* (constrói uma abordagem sobre as relações de poder e as desigualdades a partir do serviço doméstico) e *Sociedade na América* (observações sobre o período escravocrata e também à situação das mulheres nos Estados Unidos).

Em “*Como observar a moral e os costumes*” (1838), Martineau delinea as questões essenciais para fazer pesquisa na área das ciências sociais, elenca requisitos para a observação, requisitos filosóficos, requisitos morais, requisitos mecânicos e destaca o que se deve observar. Sobre os requisitos para a observação, a autora destaca:

Os poderes de observação precisam ser treinados, e o hábito de empregar um método para organizar os materiais que se apresentam aos olhos precisa ser adquirido. Apenas assim o estudante estará em posse dos requisitos para compreender o que vê. O observador de Homens e Comportamentos precisa de tanto preparo intelectual quanto qualquer estudante. De fato, isso geralmente não é admitido, e uma multidão de viajante ague como se não fosse verdade. (Daflon; Sorj, 2021, p. 27).

Podemos observar que Martineau, faz um delineamento sobre o percurso metodológico da “ciência da sociedade”, pensa uma metodologia para esse campo do conhecimento. Destaca a importância da organização dos materiais, o cuidado com os dados e com a análise. Em um outro trecho, ela fala sobre a necessidade de ser perseverante na pesquisa e de não desistir diante dos primeiros obstáculos, ela destaca: “... o viajante não deve perder a esperança de obter bons resultados com suas observações. Ele não deve ser levado a desistir apenas porque não é possível estabelecer conclusões verdadeiras” (Daflon; Sorj, 2021, p. 27).

Em “*Serviço Doméstico*” (1838), Martineau observa o trabalho doméstico como uma forma de interação que permite refletir sobre as formas de desigualdades. A autora salienta que a falta de importância sobre a temática, se dá pelo fato da ignorância sobre o assunto e também da ausência do envolvimento dos homens com as atividades domésticas. Se os homens não se envolvem com tais atividades, a temática se torna irrelevante, mas através de sua análise a autora evidencia a sequência de opressões que estão presentes nessa relação. Para Martineau o trabalho doméstico é uma mistura de contrato de trabalho e escravidão que se perpetua em uma relação de poder, seja entre patroa e empregada, seja entre mulher e marido. Ela utiliza o serviço doméstico para desenvolver um estudo sobre as relações de poder, para isso analisa a questão da obediência:

A peculiaridade da vida de quem presta serviço doméstico é a sua sujeição à vontade do outro. Isso pode ocorrer, em maior ou menor intensidade, de forma manifesta ou implícita, em outros meios de ganhar a vida. No entanto, em nenhuma outra essa é a peculiaridade que o distingue dos demais. Um criado ingressa em uma família precisamente com o propósito de realizar os desejos do empregador, e o primeiro requisito é a obediência às ordens [...] (Daflon; Sorj, 2021, p. 35).

Martineau aborda sobre os direitos da doméstica, no qual a patroa não tem o direito de fazer, de falar e de ameaçar sua empregada, “Ela não sabe que sua patroa não tem o direito de

fazer isso, e ela não tem um advogado disponível para informá-la da natureza de seu contrato” (Daflon; Sorj, 2021, p. 36). A discussão sobre os direitos da trabalhadora doméstica é extremamente inovador e demonstra a amplitude da discussão desenvolvida pela autora e também é um tema atual, pois ainda hoje no Brasil, por exemplo, vemos relações entre patroa e empregada que rememoram o período da escravocracia².

Em “*Comentários gerais a respeito da América*”, Martineau destaca os elementos de produção da sua pesquisa nos Estados Unidos entre 1834 a 1836, analisando temas como a Constituição norte-americana, autogoverno, federalismo, imprensa, comércio, religião, dentre outras temáticas. A autora também frisa as práticas da escravidão no Sul, a discriminação contra imigrantes e a posição social inferior que as mulheres ocupavam. Mesmo diante de tantos percalços para o desenvolvimento da igualdade e da cidadania, ela era positiva em relação a mudança da sociedade, “acreditava que o movimento da história estava do lado dos liberais, dos abolicionistas e dos defensores dos direitos das mulheres” (Daflon; Sorj, 2021, p. 39).

A autora tinha muito cuidado com a objetividade e rigor científico; compreendia que o fato de ser mulher não atrapalhava o desenvolvimento das suas pesquisas, muito pelo contrário, era uma porta de entrada para acessar à vida doméstica, à privacidade e à intimidade das pessoas pesquisadas. Sua percepção sociológica estava voltada para as questões de gênero, desenvolvendo estudos sociológicos que permitem refletir sobre a vida familiar, o status das mulheres, a educação das crianças, elementos importantes para pensarmos diversas questões sociais relacionadas às esferas de poder.

Daflon e Sorj (2021) destacam que Martineau praticou uma sociologia que atualmente denomina-se “interseccionalidade”, antes mesmo do desenvolvimento do termo. Em seus escritos podemos relacionar as categorias de gênero, classe, cor, origem, entre outros elementos que permitem pensarmos as estruturas de dominação por diversas vertentes. Essa autora clássica da teoria social nos oferece arcabouços teóricos importantíssimos para essa ciência da sociedade, no qual desenvolveu uma metodologia científica no campo sociológico.

Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge - Interseccionalidade

² De acordo com dados Divisão para a Erradicação do Trabalho Escravo (Detrae), no Brasil o número de pessoas resgatadas do trabalho escravo doméstico cresceu mais de treze vezes em cinco anos. O Brasil finalizou 2021 com 1937 pessoas resgatadas da escravidão contemporânea. Dados da reportagem, disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/01/29/numero-de-pessoas-resgatadas-do-trabalho-escravo-domestico-cresce-mais-de-13-vezes-em-5-anos>>. Acesso em: 30/01/2022.

A Interseccionalidade como práxis crítica requer o uso do conhecimento adquirido por meio da prática para orientar ações subsequentes na vida cotidiana. (Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge, 2021).

Patrícia Hill Collins é professora emérita do Departamento de Sociologia da Universidade de Maryland, *College Park*, considerada uma das mais influentes pesquisadoras do feminismo negro nos Estados Unidos, nascida em 1948 na Filadélfia no estado da Pensilvânia Estados Unidos. Foi a primeira presidenta negra da Associação Americana de Sociologia, publicou diversos livros, entre eles, *Fighting Words: Black Women and the Search for Justice* (1988); *On Intellectual Activism* (2013), *Intersectionality as Critical Social Theory* (2019); *Pensamento feminista negro* (primeira obra da autora traduzida e publicada no Brasil em 2019) e com Sirma Bilge, publicou: *Intersectionality* (2016). Collins desenvolve seus estudos, principalmente voltados para temas sobre gênero, feminismo, comunidade afro-americana, domínio hegemônico do poder, matriz de dominação, entre outros. Sirma Bilge é professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Montreal, desenvolve estudos sobre gênero e sexualidade, racismo, nacionalismo e relações étnicas, abordagens pós-coloniais e decoloniais.

No livro *Interseccionalidade*, as autoras desenvolvem uma abordagem da interseccionalidade como ferramenta analítica que envolve a investigação crítica e práxis crítica, ou seja, pensamento e ação podem trabalhar juntos em benefício da produção da teoria. De acordo com Collins:

Grande parte de minha formação acadêmica formal foi concebida para mostrar que, a fim de construir um trabalho intelectual válido, devo me afastar de minha comunidade, de minha família e até de mim mesma. Em vez de pensar o cotidiano como uma influência negativa em minha teorização, tentei ver como as iniciativas e ideias cotidianas das mulheres negras que fazem parte da minha vida refletiam as questões teóricas que eu afirmava serem tão importantes para elas. (Collins, 2019, p.18).

As autoras Collins e Bilge destacam que a categoria da Interseccionalidade foi forjada nos movimentos de lutas de mulheres negras dos Estados Unidos. Nas décadas de 1960 e 1970 as ativistas negras estadunidenses enfrentavam desafios nos movimentos dos direitos civis, no movimento feminista e no movimento sindical. As questões que permeavam a vida das mulheres negras ficavam relegadas dentro desses movimentos. As experiências, dor, sofrimento

e discriminação que as mulheres negras lidavam, ficavam totalmente inviabilizados nesses movimentos de lutas³.

As autoras chamam atenção que a ferramenta analítica da interseccionalidade não está circunscrita às nações da América do Norte nem da Europa e também não se constitui como um fenômeno novo, pois no Sul global, essa categoria já era usada sem receber esse nome, conforme mencionei anteriormente.

Pensar a categoria interseccional no desenvolvimento da teoria social, é importante para delinear outras perspectivas teóricas e outras pesquisas. Tal categoria pode ser utilizada nas políticas públicas, na produção do conhecimento acadêmico, nas ações dos movimentos sociais, na educação, como ferramenta analítica que orienta as ações dos indivíduos e como ferramenta de pesquisa e práxis política. Pensar a interseccionalidade no processo de produção do conhecimento é não desvincular teoria e prática, é pensar que o desenvolvimento dessas categorias sugere encruzilhadas de estruturas sociais, onde não existe sobreposição de opressões, mas que cada contexto e experiência trará formas específicas de analisar as categorias.

A interseccionalidade nos permite pensar nas múltiplas dimensões de opressão, fazer pesquisa interseccional não se encerra em raça, classe e gênero, mas pensa em outros contextos, em outras matrizes de opressão. De acordo com as autoras:

Usar a interseccionalidade como ferramenta analítica significa contextualizar os argumentos da interseccionalidade, tanto por meio de nossa escolha de exemplos como pela consciência de que os contextos históricos, intelectuais e políticos particulares moldam a investigação e a práxis da interseccionalidade. (Collins; Bilge, 2021, p. 252).

O desenvolvimento de uma pesquisa ou política pública interseccional, permite compreender que não se trata de uma sobreposição ou adição de categorias de opressão, pois a intersecção não funciona somente na verticalidade da estrutura de poder, mas se estabelece na horizontalidade também. Isso permite observar as nuances dentro dos grupos sociais. Dessa

³ É importante destacar que o termo “Interseccionalidade” foi cunhado pela autora estadunidense Kimberlé Krenshaw em 1989, porém encontraremos nas obras de autoras brasileiras como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, entre outras, elementos que nos permite relacionar com a categoria “Interseccionalidade”, antes mesmo desse termo ter sido desenvolvido. Ver: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. In: Caderno de formação política do Círculo Palmarino, Batalhas de ideias, n.1, 1988 e NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Org. Alex Ratts. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

forma, a interseccionalidade atua nas estruturas de poder, nas categorias das relações e na categoria simbólica, trabalhar com tal abordagem não é algo simples, mas é algo complexo, pois é necessário analisar o todo, levando em consideração as margens, os resíduos e as nuances que aparecem nas análises de pesquisa.

As autoras destacam as quatro esferas de poder que definem as práticas organizacionais, são elas: o domínio de estrutural do poder; o domínio cultural do poder; o domínio disciplinar de poder e o domínio interpessoal do poder. Essas categorias do domínio do poder permitem compreendermos a complexidade que é uma pesquisa que utiliza como ferramenta analítica a interseccionalidade.

O uso da interseccionalidade como ferramenta analítica não se contenta com as explicações das desigualdades sociais somente através da classe. Além da categoria da classe outros fatores revelam a desigualdade global, como raça, gênero, sexualidade, idade, capacidade, cidadania, território, região, religião, dentre outros fatores abrangentes. Reduzir o problema da desigualdade social apenas ao fator classe, é fazer uma análise muito simplória e reducionista. Por isso, concordo com a professora Flávia Rios ao afirmar que a interseccionalidade é uma teoria complexa do social, pois explica a complexidade na sua complexidade⁴.

As principais ideias das estruturas interseccionais como ferramenta analítica elucidam seis temas centrais da interseccionalidade: desigualdade social, relações de poder interseccionais, contexto social, relacionalidade, justiça social e complexidade. Destaco brevemente esses temas centrais desenvolvidos pelas autoras. A desigualdade social dificilmente é causada por um fator único, assim desenvolver uma análise interseccional sobre a temática, permite compreender sua complexidade através da percepção de diversos elementos que giram em torno da desigualdade social que não se encerra na questão econômica e de classe; as relações de poder interseccionais através dos ativismos das mulheres negras demonstrou que suas ações e lutas geraram análises e práticas para compreender as sujeições e discriminações que as mulheres negras vivenciavam dentro dos movimentos sociais feministas e de direitos civis; o contexto social traz elementos para entendermos que uma análise interseccional não pode ser reducionista e nem generalista, mas é necessário pensar os diversos contextos; a relacionalidade abrange uma estrutura analítica que muda o foco da posição entre categorias para o exame de suas interconexões; a complexidade, como visa entender a complexidade do

⁴ Essa reflexão foi elaborada pela professora Flávia Rios na formação do Núcleo de Estudos Amefricanidades - NEA/GV, realizada no dia 26/10/21, via ambiente virtual Zoom.

mundo, a interseccionalidade requer estratégias complexas e por fim a justiça social, o compromisso com a justiça social influenciou a investigação e práxis da interseccionalidade, para a utilização da ferramenta analítica da interseccionalidade, é necessário a conexão com o éthos da justiça social.

Diante dos elementos discutidos até aqui, a respeito da obra das autoras, destaco que a interseccionalidade é uma abordagem que fala sobre as interações sociais e que permite pensar a teoria social. O desenvolvimento da categoria da interseccionalidade no seio do movimento de mulheres negras, é um grande ganho para o campo da sociologia e das demais ciências sociais, pois está estritamente conectado com políticas de democratização, equidade e justiça social.

Considerações Finais

Ao longo do desenvolvimento do texto procurei abordar sobre a importância do trabalho intelectual da autora clássica Harriet Martineau e das autoras contemporâneas Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge para a área da Teoria Sociológica. Destaquei um pouco sobre a vida das autoras, assim como os elementos de suas obras para redimensionarmos nossa percepção para um campo da ciência que tem uma influência masculina muito presente e que dificilmente estudamos mulheres clássicas e contemporâneas no campo da sociologia.

5070

O objetivo aqui não foi fazer um texto exaustivo que esgotasse o pensamento das autoras (não teria espaço para isso devido à grandiosidade do trabalho intelectual delas), mas tentei discutir sobre alguns elementos principais das obras das autoras, como forma de iniciar uma reflexão sobre as mulheres no campo da teoria sociológica e partir daí, elencar outros elementos para pesquisas futuras.

A produção intelectual das autoras Harriet Martineau, Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge, nos permite pensarmos o campo da educação, através dos aspectos de raça, gênero, região, etarismo, inclusão, dentre outros aspectos que a grandiosidade de suas obras abordam. Essas discussões são importantes para o campo da sociologia da educação, para o desenvolvimento de políticas educacionais comprometidas com a justiça social e equidade.

Não há como desconsiderar o papel fundamental que mulheres intelectuais tem desenvolvido para as ciências sociais e não podemos também desconsiderar o quanto a intelectualidade destas tem sido invisibilizada e apagada ao longo da história. É necessário pensarmos em outras possibilidades de pesquisa e investigação teórica.

Encerro com a reflexão que abriu esse texto: Como seria uma sociologia produzida por mulheres e sobre mulheres?

Referências

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e política do empoderamento. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. **Clássicas do pensamento social**: mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2021.

Autora:



Rívia de Jesus Santos

Graduada em Pedagogia pela Universidade de Uberaba - UNIUBE (2012) e em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC (2014); Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (2019) e doutoranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Católica – PUC/RJ.

Email: riviajsantos@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/588735234664811>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7870-1240>